

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

LIBERDADE: TERRITÓRIO DE MAIORIA AFRODESCENDENTE; CULTURA, AUTOCONSTRUÇÃO
E ESPAÇO URBANO

Maria Estela Rocha Ramos (UFBA)

Henrique Cunha Jr. (UFC)

Liberdade: Território de Maioria Afrodescendente Cultura, Autoconstrução e Espaço Urbano

Resumo

Este trabalho surge da proposta da investigação dos espaços urbanos vinculados à população negra na sua forma de produção e apropriação dos territórios e está enfatizado na Liberdade, bairro historicamente consolidado da cidade de Salvador, Bahia. As observações deste estudo pretendem evidenciar aspectos ainda não indicados no urbanismo brasileiro em relação aos afrodescendentes e, por conseguinte, pretendem contribuir para os planejamentos urbanos das cidades e para as políticas públicas voltadas afirmativas, uma vez que existem ‘bairros negros’ distribuídos por todo o país, cujos contingentes populacionais são predominantemente de afrodescendentes. Estes bairros nos fornecem, através de rupturas conceituais, novas perspectivas do uso das cidades, dado à sua cultura histórica sobreposta aos espaços autoconstruídos. As rupturas conceituais originam-se de conceitos como africanidades, afrodescendência e territórios de maioria afrodescendente, a partir da matriz cultural africana em contraste às visões euro-americanas, objetivando um maior entendimento do urbanismo no Brasil. O estudo passa por metodologias da pesquisa participante e busca consolidar a memória e história social do bairro através de depoimentos dos moradores locais e da contribuição de imagens e fotografias antigas e atuais, além das fontes documentais.

1. Continuidades e Rupturas

A intenção do artigo é introduzir uma nova discussão à questão do espaço urbano autoconstruído tendo como foco as áreas localizadas nas cidades brasileiras de maioria de população afrodescendente. A continuidade da temática do artigo está na extensão de estudos urbanos que localizam bairros denominados populares na cidade de Salvador, Bahia em que há uma generalização destas áreas urbanas no enfoque da pobreza e na ausência de institucionalidade do estado e das leis municipais.

Há uma tendência em tratar os bairros pobres como ocupações ou invasões de áreas urbanas, sendo constituídos como clandestinos e, muitas vezes, afastados do discurso formal urbanístico. Suas construções fogem às regras acadêmicas do conhecimento arquitetônico e se distancia, significativamente, dos conceitos estabelecidos pela formação, de forma geral, dos arquitetos e urbanistas.

Nas análises realizadas sobre estes espaços urbanos, a ênfase está na generalização das relações sociais constituídas pelos sentidos conceituais como classes populares, cultura popular, cultura de massa, casas populares, periferias, pobreza. As análises, majoritariamente de teor marxista ou influenciadas pela teoria, pautam pela explicação da luta de classes e da apropriação das áreas construídas pelas relações capitalistas. Assim, especificidades e generalidades das áreas denominadas periferias¹ desaparecem, dificultando a visão da historicidade das construções, da arquitetura, do espaço construído e da sua urbanização.

A primeira ruptura, então, está em evidenciar a seleção das especificidades contidas na cultura da construção do território, pela via da memória e da história de seus habitantes. Na cultura urbanística e arquitetônica acadêmica brasileira, uma continuidade é a ausência de abordagem com especificidade da etnia negra. A população negra é praticamente ausente dos estudos urbanos. É assunto evitado, obscuro e difícil para o pensamento universitário brasileiro. Nas áreas da Sociologia, Antropologia, Educação e História, no entanto, o tema das relações étnicas tem sido discutido com as idéias de cor, raça e racismo.

Estas bases conceituais entram em contradição aos enfoques teóricos de classe social e de luta de classes e dificultam o casamento das questões urbanas com as questões da população de descendência africana, geralmente definidas nos censos estatísticos do IBGE apenas pela cor da pele, isto é, como pretos e pardos. Uma discussão da subjetividade da cultura desta população é um desafio apreciável para a questão dos estudos urbanos.

Por outro lado, a tradição do pensamento brasileiro sobre as relações étnicas foi influenciada, de forma marcante, por pesquisadores como Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. O primeiro, de certa maneira, instituiu a visão dominante de ausência de tensões

importantes entre descendentes de africanos e descendentes de europeus no Brasil, dada à mestiçagem ocorrida. A ênfase de Freyre (1994) se consolida no conceito de raça e não na história dos atores sociais. Deslocou a problemática de herança social do escravismo brasileiro para o campo de herança biológica, com a intenção de diluir o problema das tensões sociais. Seguindo o raciocínio explicitado em Freyre, as desigualdades étnicas não demarcariam as desigualdades econômicas como estão demarcadas nos censos estatísticos em que, dentre as populações pobres, estão configurados os “negros” (pretos e pardos) e os “brancos”. Isto é, não deveria existir e, por si só, não se explicam.

A explicação para os assuntos étnicos, nos parece, que é dada pela necessidade de um enfoque histórico ‘desracializado’. A Sociologia moderna brasileira tem oferecido uma solução do estudo de raça como conceito social e não biológico. A raça social é um foco que procura abordar as relações sociais concretas, no entanto, pretendemos um debate além do conceito de raça social.

Na vertente estabelecida por Florestan Fernandes (1965), a partir do seu eminente trabalho *A integração do negro na sociedade de classes*, a especificidade da situação da população de origem africana é dada como uma diluição do escravismo tardio na região paulista, em que as relações produzidas pelo escravismo tardio seriam de rápido apagamento dado ao avanço do capitalismo ascendente. Ou seja, está na perspectiva desse autor que o avanço do capitalismo no Brasil iria diluir as especificidades da população negra igualando negros e brancos num processo único de classes sociais. Com relação às estatísticas recentes do IBGE, vemos que tal processo não ocorreu e que o avanço do capitalismo não diluiu os traços remanescentes do escravismo e do capitalismo tardio, acentuando ainda mais a pobreza que, por sua vez, não se diluiu entre negros e brancos.

A segunda proposta de ruptura, então, está no enfoque da Afrodescendência e dos Territórios de Maioria Afrodescendente (CUNHA Jr., 2001). Nesta proposta, as relações sociais serão pautadas pela história e pela cultura produzidas sobre um território urbano. A Bahia e a cidade de Salvador, dado às suas formações histórica e social, constituíram-se como símbolos da cultura negra brasileira. Como demarca Francisco Oliveira no seu estudo sobre as identidades de classe na cidade de Salvador, é um elemento diacrítico da especificidade do local, a presença de negros e mulatos e que não pode ser excluído dos estudos das relações sociais desta cidade (OLIVEIRA, 2003). Logo, as análises com enfoque sobre Salvador, como particularidade histórica, vêm investidas da necessidade de abordagens sobre a população negra.

Sob esta ótica, o bairro da Liberdade é reconhecido como lugar-símbolo da cultura negra na cidade de Salvador, dado aos movimentos culturais de bandas, associações, festas e manifestações artísticas e religiosas, tendo no seu epicentro a cultura de base africana. Do ponto de vista da forma urbana e da tipologia arquitetônica, a autoconstrução predomina na paisagem local (Figura 01). Dado este reconhecimento e dado a ser um bairro histórico com esta simbologia de cultura negra, se enquadra como um lugar significativo para o exercício da discussão metodológica pretendida.



Fig. 01 - Vista do Bairro da Liberdade
Fonte: Foto dos autores

O fato de esta pesquisa² ser desenvolvida na cidade de Salvador amplia as possibilidades de nosso propósito de apresentar dos conceitos e da metodologia utilizada como proposta de ruptura nas formulações conceituais e metodológicas sobre a autoconstrução e espaço urbano autoconstruído, em que os resultados da pesquisa de campo propiciam uma reflexão sobre as especificidades deste lugar (CUNHA Jr. e RAMOS, 2006). As conclusões deste artigo remetem a uma reflexão crítica em relação ao conhecimento social baseado na experiência e o conhecimento teórico-aplicado do campo acadêmico, embora seja ainda, uma tarefa que encontra resistência na universidade, uma vez que seria necessário um redimensionamento da postura acadêmica.

2. A particularidade da abordagem

Africanos e afrodescendentes vêm, há séculos, realizando contribuições significativas para a história social brasileira, como também na definição de construção dos processos constitutivos dos espaços urbanos das cidades brasileiras. Pouca atenção e pesquisa

acadêmica têm dado destaque a este fato. Raros são os trabalhos de história da arquitetura e do urbanismo brasileiro reconhecem este caráter de contribuição do conhecimento e do modo de ser e fazer dos africanos e afrodescendentes no Brasil (GUTIERREZ, 1993), (GUTIERREZ, 1999) e (WEIMER, 2005).

A situação urbana dos afrodescendentes de escravizados são discutidas sob as idéias de segregação espacial ou de exclusão social. No entanto, destacam-se na literatura dois trabalhos de pesquisadores negros que articulam as relações étnicas e o espaço urbano embasados na raça social (OLIVEIRA, 1996) e (GARCIA, 2006). Nestes estudos, as cidades do Rio de Janeiro e de Salvador são estudadas de forma empírica baseados em diversas pesquisas (inclusive as do IBGE) e demonstram que as desigualdades econômicas são configuradas por uma situação histórica e caracterizadas pelo fator específico da população denominada 'pretos' e 'pardos'.

Trabalhos de pesquisa na área de Educação (SILVA, 1997), (GONÇALVES, 2000) e (CUNHA, 2001), da Sociologia (GUIMARÃES, 2002), (MOURA, 1988) e (RAMOS, 1954), a Antropologia (MUNANGA, 1999) e (OLIVEIRA, 2003) e da Saúde Coletiva e Saneamento (MIRANDA, 2001) e (BARBOSA, 1998) entre outros, como também na área da História têm sido pautados pelo estudo da especificidade das populações afrodescendentes. Este conjunto de pesquisas associadas à fundação em 2002 da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros nos indica ser efetiva a consolidação deste campo do conhecimento, na discussão das especificidades dos afrodescendentes nas diversas disciplinas das ciências humanas. Desta constatação parte a nossa evidência de trabalho sobre a necessidade de estudos no campo da Arquitetura e Urbanismo relacionado à população negra (RAMOS, 2005) e (RAMOS e CUNHA, 2006).

Uma perspectiva é o espaço geográfico como resultado de um acúmulo histórico das relações sociais na apropriação do território (SANTOS, 1988). Outra perspectiva é de que a cidade cresce sobre si mesma, criando sua própria consciência e memória (ROSSI, 1995), remarcando o caráter histórico e cultural da formação e do desenvolvimento do espaço habitado e do entorno construído. A conclusão estruturante para nosso trabalho é que a autoconstrução é um produto das relações sociais sobre o espaço e é resultado de um processo histórico. O construir coletivo, do bairro, da cidade é considerado, pela nossa pesquisa, um produto da cultura vista como um conceito histórico, demarcado e especificado pela consciência histórica dos fatos materiais e imateriais, acumulados numa comunidade particular. A consciência histórica é vista como resultado social do pensamento histórico e do entendimento da história (RÜSEN, 2006) e (GADAMER, 1998).

Bairros como a Liberdade podem ser estudados pela sua história, pela história de suas construções, como uma arquitetura de conhecimento empírico realizada pelo conhecimento social acumulado, dentro de uma parte da cidade. Uma das partes de tensão é o debate da autoconstrução, verificado na reprodução do conflito existente e persistente entre o conhecimento científico e o conhecimento de senso comum. Parte das posturas racionalistas sobre o conhecimento científico leva a reificação deste, ocasionando a destituição dos conhecimentos disseminados na população como de pouco ou nenhum valor. A literatura sobre Educação, em particular, no campo de estudos sobre as representações sociais, pretende reintegrar estes valores do conhecimento social aos valores do conhecimento científico, (SPINK, 1995).

Na investigação, vamos introduzir o respeito e o uso do conhecimento cotidiano pela formulação de uma pesquisa de caráter participante (GERALDI, 1984) e (THIOLLENT, 2005) na qual o pesquisador pertence ao meio que se processa a investigação, por diversas razões, sociais ou políticas ou por questões de identidade, étnicas e/ou culturais. No decorrer do curso de aprendizado da pesquisa, o pesquisador se transforma, alterando as convicções e o meio, introduzindo novos elementos às representações sociais processadas neste meio.

Concluindo os limites da pesquisa específica empreendida, o pesquisador foge do campo de pensamento da neutralidade científica para participar como sujeito dos seus sujeitos da pesquisa e evidencia as preocupações para o enfoque das relações sociais produzidas pela história com o local. A visão da afrodescendência, neste trabalho, incorre em particularidades metodológicas da pesquisa participante, onde o pesquisador é parte do contexto da pesquisa e se modifica com o curso do avanço do conhecimento.

As afrodescendências, como conceito, procuram articular a população de descendência africana pela vinculação destas com a construção do território em si, configurando o espaço urbano. As populações se apresentam como sujeitos históricos, trazendo os conhecimentos das experiências sociais passadas e estabelecem novas relações sociais a partir de conflitos e consonâncias com os interesses dos demais grupos sociais. O reconhecimento de criação e da relativa autonomia de pensamento deste grupo (e não da ênfase na reprodução das imposições das classes hegemônicas) são elementos conceituais e práticas do reconhecimento ao protagonismo histórico e cultural dos afrodescendentes, diferenciando esta postura de pesquisa com as demais.

Esta natureza do conhecimento histórico, em parte, apreendido os pressupostos conceituais e metodológicos, adquire um caráter particular a partir do reconhecimento de uma matriz cultural de base africana na sociedade brasileira. A afrodescendência é uma forma de

pesquisa parte a parte, procurando a compreensão das relações sociais em um território de maioria afrodescendente, baseada na percepção de construção histórica (CUNHA, 2001) e (CUNHA, 2006).

Os pesquisadores, nas afrodescendências, mantêm uma relação de interesses comuns com a população estudada, devido às vivências e valores comuns aos territórios estudados. Nestes interesses e vivências comuns, a percepção do racismo brasileiro ou o cotidiano de vida da população negra, por exemplo, levam a uma relação de pesquisa participante, cuja crítica social pretende levar à transformação da realidade da qual o pesquisador faz parte. A história e as conclusões são *para* os afrodescendentes e não *sobre* os afrodescendentes. A pesquisa participante traduz também um caráter utilitário e específico de pesquisa, visto o pesquisador pretende contrapor a representação de uma realidade ao imaginário social, dado ser a percepção ser sempre um processo seletivo de apreensão.

A afrodescendência pretende ter em evidência a natureza da história sociológica para eliminar, na medida do possível, os enfoques de base biológica dos conceitos de raça e de raça social³ que partem para a afirmação de juízos dos valores e de diferenças, tomando um padrão de comparação na partida de análises.

A base da cultura de matriz africana, que orienta os conceitos e a pesquisa, é dada pelos princípios sociais africanos. Dentre eles, o conceito de *ancestralidade* nos indica a produção da identidade e da história, a partir do território, em razão do conhecimento produzido entre as gerações e transmitido pela *palavra*. A ancestralidade é um elemento de transformação saído da existência de um tempo-espço anterior, a ser conservado e modificado no futuro. Tomando a ancestralidade como elemento dinâmico da história e a palavra como fonte de conhecimento, a pesquisa procura a compreensão do espaço urbano, no caso, o bairro da Liberdade, tomando as fontes documentais que traduzem a palavra. A oralidade se exprime de formas diversas, seja pela abrangência dos depoimentos de diversas narrativas orais, como a literatura e o cinema, por exemplo, ou nas imagens, contidas nas pinturas, fotografias e fontes iconográficas. Estas são o que os moradores ou freqüentadores da localidade pensam deles; logo, além de significar um registro, evidenciam o que deve ser registrado. Neste caso, as fontes documentais e as imagens são a realidade.

A afrodescendência, como método, procura selecionar um conjunto de fatos sociais entrelaçados por um conjunto de conceitos, produzindo o conhecimento pela investigação de inter-relações complexas entre estes elementos selecionados. A articulação de afrodescendência se diferencia dos enfoques antropológicos da etnografia densa (GEERTZ,

1978) em pelo menos três fatores: a) a atuação sobre a memória histórica coletiva; b) o pertencimento do pesquisador aos conjuntos estudados e aos conhecimentos de base e valores comuns compartilhados (o pesquisador não é externo ao meio social e que necessita apreender a essência sobre aquele conjunto social) e c) a afrodescendência é a base do conhecimento de matriz africana e parte da continuidade histórica do presente, apoiada na realidade da sociedade brasileira, em contraste à etnografia, fundamentada como parte do conhecimento racionalista europeu para estudos de outras etnias, não-européias.

3. O bairro da Liberdade

É através da pesquisa no Bairro da Liberdade, bairro historicamente consolidado no contexto metropolitano de Salvador e onde há uma concentração populacional de afrodescendentes singular, que se pode permitir um estudo pormenorizado das especificidades espaciais, através da autoconstrução na produção do espaço urbano, considerando as adversidades existentes para tal.

A Liberdade⁴ é o bairro mais populoso de Salvador, num total de 277 mil habitantes, segundo o censo do IBGE de 2001, abrigando cerca de 11% da população do Município, apresentando uma das maiores densidades demográficas da cidade de Salvador. Com população originada de descendentes de africanos escravizados, aproximadamente 98% da população composta de afrodescendentes autodeclarados no censo do IBGE, o bairro possui diversas comunidades.

A Liberdade é um dos bairros mais tradicionais de Salvador, consolidado na sua estrutura espacial e testemunha dos diversos tempos da cidade, tendo seu aparecimento como bairro no século XIX⁵. Espacialmente, o bairro apresenta diferenciações na morfologia urbana resultante de diferentes ocupações⁶, reflexo dos períodos históricos dado aos fatores dos fluxos de população pelas migrações, das políticas públicas (na questão do planejamento e zoneamento do bairro, na disposição e oferta de equipamentos públicos), na relação da população residente com o mercado de trabalho, dentre outros, apresentando caracterizações distintas ao longo da Estrada da Liberdade ou Avenida Lima e Silva, o Largo da Lapinha e as entradas para o Curuzú, Pero Vaz, São Cristóvão e Largo do Tanque.

As particularidades das vivências internas ao bairro são evidenciadas pelas convivências, pacíficas ou conflituosas, entre os diversos grupos como os blocos afros, afoxés, maracatus, grupos de samba, grupos de movimento de Rap e Hip Hop, grupos de terreiro de candomblé, católicos, evangélicos, etc.

A herança da trágica história do escravismo criminoso impõe à Bahia, à cidade de Salvador e por último, ao Bairro da Liberdade um conjunto de singularidades que torna estes lugares únicos e simbólicos, na expressão das africanidades brasileiras, em conjunto aos significados sociais que declaramos no cotidiano como cultura negra baiana.

O conhecimento cotidiano, como o conhecimento acadêmico, é consciente das idéias mentais sobre as representações da cultura negra baiana pelos aspectos do lúdico e das festas, como amplamente expressiva e visível, ocasionando a privação da observação dos detalhes desta herança em todos os aspectos da história e de suas vivências, no presente. A denominada cultura negra organizou formas de trabalho e uma diversidade de conhecimentos, em que muitos ainda são presentes e outros já foram abandonados pela modernidade ou pela industrialização, mas que compõem a formação histórica e cultural local.

Um exame mais detalhado das profissões existentes no período do processo escravagista em Salvador nos revela múltiplos conhecimentos no campo do trabalho que fazem parte da herança africana e que têm incidência sobre a construção da cidade. Ainda se observa em muitas cidades brasileiras que conservam construções e obras de arte e que revelam a diversidade das realizações dos escravizados. Não só no sentido físico e material das construções e das cidades, mas na configuração e no domínio do território.

São parteiras, enfermeiras, médicos práticos, seleiros, tecelões, marceneiros, artistas artesãos e artífices das mais diversas profissões do compasso: do talho de pedra ao detalhe na madeira⁷, das formas de realizar o comércio dos produtos, aos seus usos, bem como a suas culturas agrícolas, do uso imposto aos produtos pelo seu significado social religioso. A herança deste universo social do escravismo criminoso invade o cotidiano do bairro em detalhes cuja relação é dificultada pela ausência de estudos anteriores que articulam com o campo da cultura material de base africana.

Em estudos preliminares sobre a economia do bairro da Liberdade, temos que é um bairro que sofre direta e ampla influência de uma cidade portuária como Salvador. Porto e ferrovia se fundem produzindo uma dinâmica de trabalhos diretos e indiretos, ligados a esta atividade econômica, atraindo um contingente populacional. A cidade portuária e mais especificamente o bairro portuário, apesar da diferença de nível por conta da topografia local, geram empregos urbanos permanentemente, que apesar da baixa remuneração, perfaz a possibilidade de trabalhos contínuos e de acumulação contínua para boa parte da população.

Esta economia portuária é marcada pelo associativismo, que se transfere para o bairro nas consolidações de associações culturais e de lazer, além de fortalecer a instalação de escolas e de formações profissionais, nos anos 1950 no bairro da Liberdade, que propiciaram

aspectos diferenciais em relação a outros bairros ‘negros’, como por exemplo, o bairro da Federação, também em Salvador. A base das profissões técnicas também modifica o perfil da população, sendo a pesca e a navegação também de amplas bases técnicas.

O comércio do bairro da Liberdade reflete, em primeiro lugar, a persistência da herança africana dos produtos comercializados e pela forma como eles são comercializados. Além da especificidade dos produtos, a disponibilidade de acumulação contínua de recursos ao longo dos anos e possibilitou a concentração do comércio local dinâmico, atraindo moradores de bairros vizinhos, estimulando diversos comércios ambulantes de comidas, bebidas, cigarros, jogos de sorte, roupas, acessórios, enfim, objetos variados (Figura 02).



Fig. 02 - Comércio Ambulantes de produtos diversos na Estrada da Liberdade
a. Sandálias *b.* Pentes de ferro e ervas *c.* Velas, santinhos de Santa Bárbara e patuás de Iansã
Fonte: Fotos dos autores

Estas vertentes variáveis de atividades, desde as portuárias ao comércio local, somadas à cultura de base africana fazem uma orquestração do bairro da Liberdade ser o que ele é.

4. O que aprendemos e ainda não sabemos

Os estudos marxistas, em sua essência, produziram um modelo bipolar de duas classes sociais e destacam o conflito existente entre elas. No bairro, visto sob esta versão, temos sempre atuantes as hegemonias dominantes externas e as subalternas como internas à realidade. Tendo os bens materiais e imateriais elencados na articulação entre externos e internos, a nossa visão de pesquisa sobre a afrodescendência parte da base material e intelectual de matriz africana e das relações de conflito, condescendências, indiferenças e casualidades. Assim, a relação entre a casa e a rua, dentro de uma perspectiva de cultura de base africana, é uma das observações importantes da pesquisa. A rua fala com sonoridade própria e é um espaço de convívio social que vai além das festas de carnaval; é palco de um contínuo do cotidiano, que varia do pôr um sofá na calçada e conversar com os vizinhos a ver o bloco passar... As hierarquias sociais vão se estratificando ao longo do tempo no debruçar sobre a rua e participar deste espaço coletivo. O uso coletivo da rua e da apropriação vai além

do espaço de circulação; segue um ordenamento espacial das moradias. Aqui, a casa e a rua não são opostas e sim, complementares. A literatura relativa à matriz africana e a posição das habitações fazem referência aos espaços de uso comum, como o *kraal* africano (SOMMER, 2005). As ruas, passagens, becos, cantos e largos da Liberdade podem ser pensados como uma transformação cultural de memória remota destas organizações coletivas.

A satisfação do pertencimento e a construção de uma identidade coletiva é um fator destacado na população do bairro da Liberdade, em que os fatos são como imagens efusivas na determinação do tempo presente e de suas referências como pessoas.

As precariedades dos direitos sociais persistem nas reivindicações por melhores condições de vida, mas permeiam nítidas marcas da constituição de um lugar marcante da vida de seus habitantes. Deste bairro emana um sentimento de orgulho do lugar. Ali se fizeram e fazem ternos, cortejos, bailes, festas de rua, de vizinhanças, feiras, comércios. Da vida deste bairro, pouco se apreendeu por parte do estado e instituições, do planejamento urbano ou do conhecimento formal, no âmbito da Arquitetura e do Urbanismo, verificado pelas suas ausências neste lugar.

Notas

¹ O conceito de periferia vem sendo utilizado com alguns equívocos em relação ao posicionamento geográfico nas cidades, num contexto afastado de sua conceituação original que é a localização próxima aos limites da cidade ou município, contíguo ao perímetro urbano. A idéia de periferia, cuja denominação, há também, juízos de valor embutidos, quase sempre pejorativos e de pouca atenção do poder público, transformou estas áreas carentes de infra-estrutura e de serviços urbanos e que abrigam populações de baixa renda, não importando se a localização está em áreas centrais ou não.

² Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA.

³ Para o conceito de raça social, consultar Antônio Sérgio Guimarães (2002).

⁴ Fonte: Superintendência de Transportes Públicos / Governo do Estado da Bahia (http://www.stp.salvador.ba.gov.br/categorias/Ascensores/hist_liberdade2.htm)

⁵ No século XVIII, a atual Estrada da Liberdade ou Avenida Lima e Silva, avenida principal do bairro, já era a rota de comunicação com o interior do estado, em direção ao Recôncavo Baiano, que na época era chamada de Estrada das Boiadas, utilizada para deslocar o gado do interior para a cidade de Salvador. Mais tarde, foram se instalando nesta região diversos quilombos, originando o Bairro da Liberdade, no século XIX.

⁶ A Liberdade compreende a própria Avenida Lima e Silva (avenida principal do bairro), a Soledade, o Largo da Lapinha, Sieiro, Curuzú, Pero Vaz, Duque de Caxias, São Cristóvão, Guarani, Alegria, São Lourenço e parte do Largo do Tanque e da Baixa do Fiscal.

⁷ OLIVEIRA, Lysie dos Reis. *A Liberdade que vem do ofício: Práticas sociais e cultura dos Artífices na Bahia do século XIX*. Salvador: Tese de Doutorado, PPG-História / UFBA, 2006. Esta tese dá ênfase a os artífices mecânicos baianos na área da construção civil, envolvendo os pedreiros, carpinteiros, marceneiros, mestres-de-obras, etc. A pesquisa da arquiteta surge do questionamento de que várias construções baianas são tombadas e consideradas patrimônio histórico e arquitetônico, obtendo grande ênfase nos estudos acadêmicos referente às técnicas de conservação e conceitos de preservação e restauração. No entanto, pouca atenção é dada, nos cursos de Arquitetura, aos artífices majoritariamente negros que as produziram com seus saberes práticos e das técnicas sofisticadas, no sentido de conceber e construir as edificações dentro dos contextos históricos.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, M. I. **Racismo e Saúde**. Tese de doutorado em Saúde Pública, São Paulo: USP, 1998.
- CUNHA Jr. H. **Africanidades, Afrodescendência e Educação**. Educação em Debate, Ano 23, n. 42. Fortaleza, 2001, p. 05-15.
- _____. **Afrodescendência e Espaço Urbano**. In: Anais Seminário de Planejamento Urbano e População Negra. Fortaleza: CEARAH Periferia, 2006.
- CUNHA Jr. H., RAMOS, M. E. R. **Arte, Cidade e Afrodescendência: conceitos, preceitos e exemplos**. Curso de Extensão Arte e Cidade, Palestra Módulo III: Partes 01 e 02. Salvador FAU/UFBA: 2006.
- FLORESTAN, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus/USP, 1965.
- FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1994.
- GADAMER, H. **O Problema da Consciência Histórica**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.
- GARCIA, A. S. **Desigualdades Raciais e Segregação Urbana em Antigas Capitais: Salvador, Cidade d'Oxum e Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado, IPPUR/UFRJ, 2006.
- GERALDI, C. M. G. **A pesquisa participante como instrumento de reestruturação**. In: Anais Conferência Brasileira de Educação. Niterói: Resumos-Painéis, 1984.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GONÇALVES, L. A. O. **Negros e Educação no Brasil**. In: Eliane Marta Teixeira Lopes; Luciano Mendes Faria Filho; Cynthia Greive Veiga. (Org.). 500 anos de Educação no Brasil. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000, v. 1, p. 325-346.
- GUIMARÃES, A. S. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- GUTIERREZ, E. **Negros, Charqueadas e Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Dissertação de Mestrado, Faculdade de História/UFRGS, 1993.
- _____. **Barro e Sangue: Mão-de-obra escrava, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777 - 1888)**. Porto Alegre: Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura/PUC-RS, 1999.
- MIRANDA, D., SILVA, M. L. **Saúde mental e racismo**. Texto apresentado na III Conferência Nacional de Saúde Mental, Brasília dez/2001 (mimeo).
- MOURA, C. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo, Ática, 1988.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, E. **Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003.
- OLIVEIRA, F. **O elo perdido: classe e identidade de classe na Bahia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- OLIVEIRA, N. S. **Favelas and Guettos: The Influence of Race and Class in the Locacion of the Poor in Rio de Janeiro and New York**. Tese de Doutorado. New York: Columbia University / Department of Urban Plannig, 1996.

RAMOS, A. G. **O Problema do Negro na Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Cadernos do Nosso Tempo, 1954.

RAMOS, M. E. R. **Autoconstrução e Ensino da Arquitetura: uma discussão voltada para territórios de maioria afrodescendente**. In: Anais XVII EPENN. Belém: UFPA, 2005.

RAMOS, M. E. R., CUNHA Jr. H. **Discutindo a Formação de Arquitetos e Engenheiros na Intervenção Social**. In: Anais III ENEDS. Rio de Janeiro: SOLTEC/UFRJ, 2006.

RÜSEN, J. **What is a Historical Consciencius?** Disponível em: www.cshc.ubc.ce Acesso em 13 ago 2006.

SANTOS, M. **A metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

SPINK, M (org.) **O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

THIOLLENT, M. **Perspectivas da metodologia de pesquisa participativa e de pesquisa-ação na elaboração de projetos sociais e solidários**. In: LIANZA, S. & ADDOR, F. (orgs.). Tecnologia e desenvolvimento social e solidário. Porto Alegre: UFRGS Editora. 2005.

SILVA, P B. G., BARBOSA, L. M. A. **O Pensamento Negro em Educação no Brasil: expressões do Movimento Negro**. São Carlos, EDUFSCar, 1997.

SOMMER, M. F. **Kraal: no DNA das cidades brasileiras? Metodologias para apreensão espacial da territorialidade negra urbana em áreas remanescentes de quilombos**. In: Anais XI Encontro Nacional ANPUR. Salvador: UFBA, 2005.

WEIMER, G. **As Contribuições Negras**. In: Arquitetura Popular Brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.